

## A Maestrina do Canindé

*Poema inspirado no livro Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus*

Carolina regeu para mim a sinfonia mais triste  
bela maestrina do Canindé  
conduziu os violinos amarelos da fome  
com as notas do piano da amargura  
compôs a harmonia da vida desafinada  
Vera, Carlos e João  
o coral da infância estilhaçada  
liberam o ar do estômago vazio  
tem mais, mamãe, tem mais  
não cantam  
cantoria é dia de feijão com arroz  
espetáculo é pastel no prato  
quatro refeições finalmente sou alguém  
posso comer, ou será que vou morrer?  
deito no colo de Carolina  
mergulho na tinta de sua história  
a tinta que manchou as cortinas imaculadas da sala de visita  
abrindo a janela para o quarto de despejo  
impossível ignorar os batuques dos sem nome  
com seus olhares que atravessam o papel  
fuzilam quem o lê  
povo abandonado como uma rosa que se armou de espinhos  
e deixou para trás suas pétalas de uma primavera que não volta mais  
Carolina é o diamante que não se permitiu transformar em chumbo  
a mulher de aço que nunca deixou de sorrir para uma criança  
olha para o céu e não esquece das estrelas cintilantes  
das coisas belas impossíveis de descrever  
mas sempre ao alcance dos sonhos  
espero que no céu tenha finalmente encontrado sua fantasia  
que corra livremente pelos jardins de seu castelo de ouro  
se banhando no calor do Astro Rei  
livre do perfume amargo da favela  
que sinta o amor leve por seus filhos  
o amor que não dói de preocupação  
um lugar que seja confortável chamar de casa  
choro ao não saber traduzir o que você me fez sentir  
choro porque sei que sou a poeta de salão  
escrevendo no aconchego da sala de visitas  
sobre um quarto de despejo que sequer conheço  
marcada pelas feridas incicatrizáveis da verdadeira poeta  
a poeta de lixo  
maestrina do Canindé.